AGRONA

Volume 01

Lanamar Pimenta

©2014 de Lanamar Pimenta
Direitos desta edição reservados

Proibida a reprodução por quaisquer
meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos,
fotográficos, gravação, estocagem em bancos de dados,
etc.), a não ser em citações breves, com indicação de fonte.

Encadernado por www.clubedeautores.com.br
Brasil

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)

Pimenta, Lanamar
Agrona / Lanamar Pimenta |.
— Vitória, www.clubedeautores.com.br, 2014.
Volume 01 - 398 páginas

1ª impressão
ISBN 978-85-916601-1-7

1. Literatura Fantástica I. Título
2. Agrona – volume 01 — I. Título

Índices para catálogo sistemático
1. Agrona B869.3

"Vidi impium superbientem
Et sese expandentem ut cedrum frondosam.
Et præterii, et ecce non erat;
Et qæsivi eum, et non est inventus."

Psalmus 36:35-36 (Bíblia Católica)
Psalmos 37:35-36 (Bíblia Protestante).

Este livro é dedicado aos meus sobrinhos Vida e Sun;
e em memória do grande amigo Luciano Cardoso Stofel.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas me incentivaram a continuar a escrever e, outros mais ajudaram a tornar este livro melhor. Dentre elas agradeço ao meu irmão Jason pela paciência que teve na revisão do livro.

Agradeço também à amiga Patrícia Del Piero pela divulgação dos meus livros.

À Delma Calazans agradeço pela palavras de encorajamento e ainda por algumas dicas nos enigmas que aparecem no livro.

Agradeço ainda ao amigo Moacir Sader que está sempre disposto a ler tudo o que eu escrevo, dizer exatamente o que achou e pelo Prefácio ao livro.

E, por fim, agradeço a todas as pessoas que me escreveram e-mails com elogios e incentivos.

PREFÁCIO

Se vivemos num mundo que se impõe com os seus problemas individuais e coletivos, temos, igualmente, a capacidade de sonhar e ter esperança no futuro. Isso nos impulsiona, revitaliza a vida.

Ainda que seja o futuro uma grande incógnita, em regra todos sonham com um mundo melhor e projetam realizações edificadas no porvir.

Essa capacidade de idealizar é concreta e está intimamente vibrando nos corações das pessoas, adultas e crianças, ainda que os fatos demonstrem ser a Terra um planeta ainda repleto de problemas e desigualdades.

O poder íntimo de ver o amanhã melhor, um futuro de felicidade, é o que leva as pessoas a interagirem com as histórias dos livros, saboreando-as como se fossem reais, imortalizando em seus corações, em suas emoções, os inúmeros romances.

Assim, ***Agrona*** se apresentará para o leitor, como está sendo para mim: livro inteiramente prazeroso de ser lido, um romance com maravilhosa história recheada de fantasia e aventura num tempo longínquo da Terra, no qual a magia e mitologia aconteciam normalmente como nos contam as diversas lendas.

Ao iniciar a leitura deste romance, somos deslocados no tempo e no espaço e passamos a viver, juntamente com os personagens, em outra época e lugar, deliciando-nos e nos emocionando com as aventuras vividas por eles e por nós, integrantes que

passamos a ser da história, abduzidos pela narrativa envolvente de Lanamar que nos apresenta personagens apaixonantes, levando-nos a viajar com eles a locais inóspitos em busca do reestabelecimento da paz e do amor planetário, após vencer o mal; uma analogia perfeita à vida real e ao objetivo de todos em prol de nosso futuro terreno.

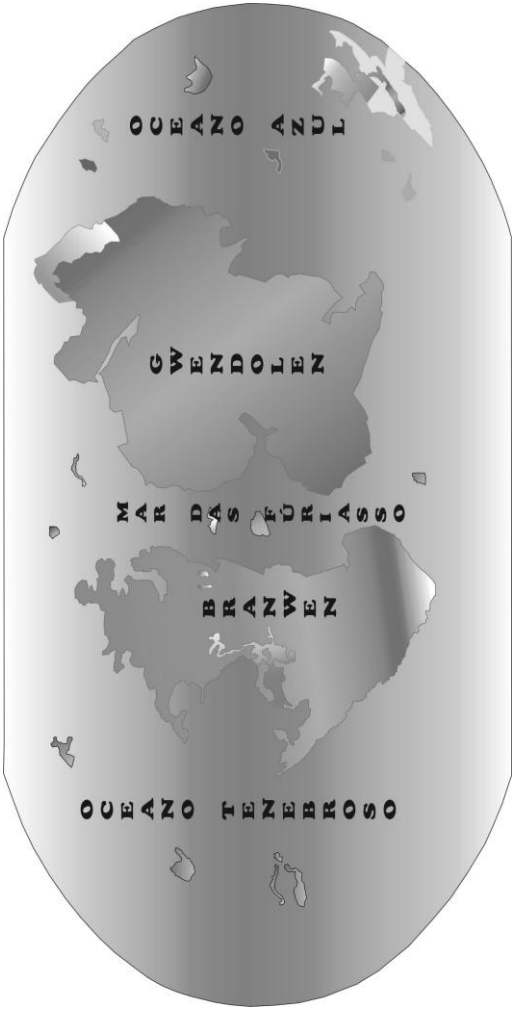
Agrona é um romance para ser lido e amado e nunca mais esquecido, porque, a par de uma história contagiante, representa a mais íntima e verdadeira aspiração por um mundo melhor, ainda que guerras aconteçam agora no planeta, como aquelas acompanhadas na história deste livro, sabendo, contudo, que podemos criar e recriar o planeta melhor para um tempo iluminado, um sonho por acontecer, possível de ser edificados por nós.

E com esse nobre objetivo, vale o mergulho na leitura desta belíssima história e entender que, embora as conquistas não sejam fáceis e simples, são possíveis de serem atingidas quando nos propusemos a lutar por elas, como as batalhas que foram empreendidas pelos personagens, enfrentando obstáculos quase instransponíveis, numa incansável epopeia contra o mal.

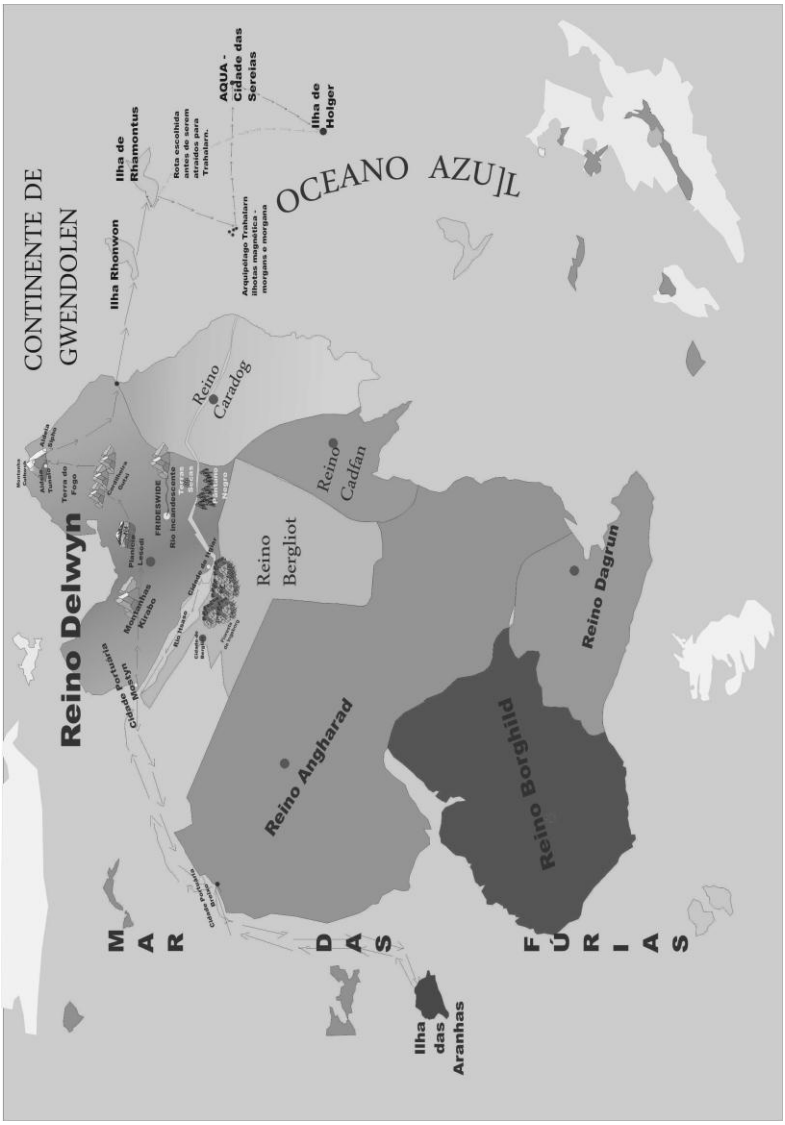
Parabéns Lanamar por nos brindar com tão maravilhoso livro que nos estimula ainda mais na crença das pessoas que se dedicam ao amor e desejam ardentemente um futuro de paz na Terra e nações fraternas que se ajudam e se respeitam.

Moacir Sader

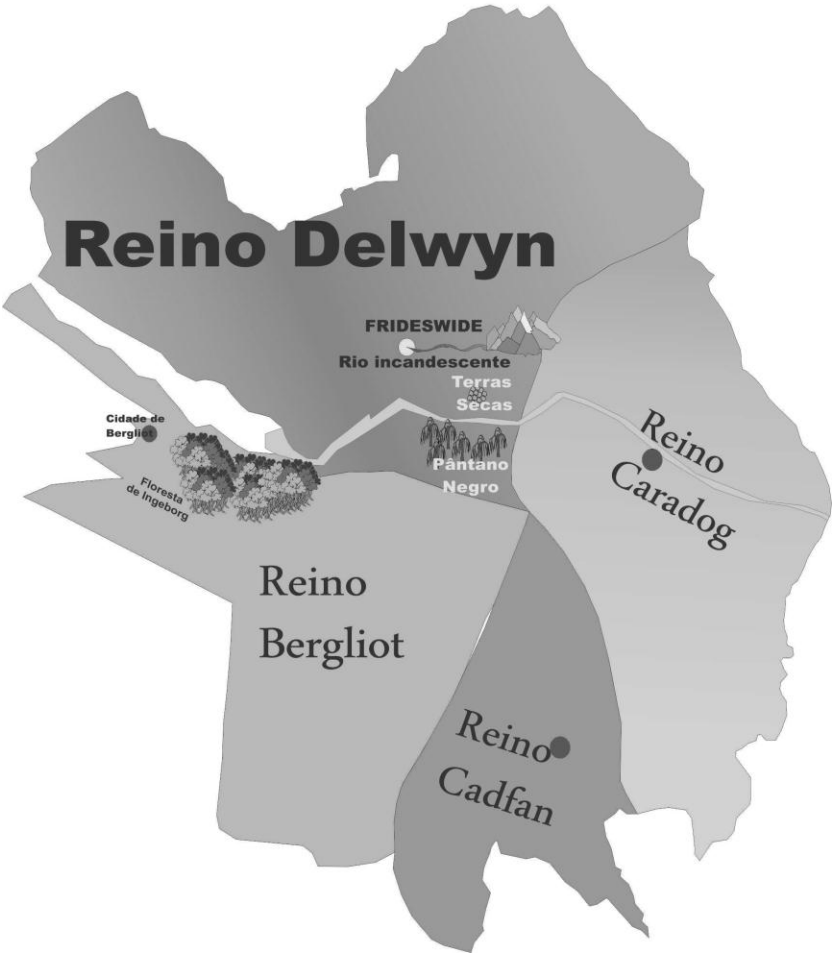
Mapa Mundi


OCEANO AZUL
GWENDOLEN
MAR DAS FÚRIASSO
BRANWEN
OCEANO TENEBROSO

As VIAGENS DA COMPANHIA



Viagem a Frideswide



Viagem a Spidewood



Viagem à Montanha Culhwch



Viagem até a Ilha Holder

SUMÁRIO

PRÓLOGO

PARTE I
Capítulo 1 — Agrona e família 19
Capítulo 2 — Mago Dagfinn chega a Bergliot 25
Capítulo 3 — Agrona vai à Cidade 57
Capítulo 4 — Dagfinn pergunta sobre Agrona 69
Capítulo 5 — A revolta de Bergliot 75
Capítulo 6 — A fuga de Brynmor 85
Capítulo 7 — Um atentado contra Agrona 91
Capítulo 8 — Brynmmor fala sobre Dagfinn 113
Capítulo 9 — O reinado de Dagfinn 123
Capítulo 10 — Dagfinn procura Agrona 135
Capítulo 11 — O treinamento de Agrona 139
Capítulo 12 — Agrona é raptada 153
Capítulo 13 — O resgate de Agrona 209
Capítulo 14 — Agrona fala sobre o rapto 241
Capítulo 15 — Dagfinn deseja guerra 253
Capítulo 16 — Bjarte tenta trair Dagfinn 261
Capítulo 17 — A reunião em Rhianonn 275
Capítulo 18 — A viagem para Frideswide 305
Capítulo 19 — A Companhia é criada 367
Capítulo 20 — A Preparação para a Guerra 387

PRÓLOGO

Poderia iniciar essa narrativa dizendo apenas: "Há muito tempo atrás...", porém, esta não seria a maneira mais apropriada para narrar esta história. Por isso, decidi que primeiro eu deveria tentar explicar a localização e a época desses acontecimentos.

Bem... Há muito, muito, mas, muito tempo atrás, quando a Terra ainda era jovem, mas mesmo assim, já tinha sido coberta de gelo algumas vezes, a sua geografia era bem diferente da que vemos hoje, constituindo-se de apenas dois grandes continentes.

Como isso é possível?

Segundo os estudiosos de hoje, durante a Era Paleozóica, a Terra era formada por um mega-continente chamado Pangea que, ia do Polo Norte ao Polo Sul. O restante da superfície da Terra era coberto por um grande oceano chamado Panthalassa e, um pequeno mar, entrando na costa leste de Pangea, chamado Tethys, hoje, o Mar Mediterrâneo.

O Continente Pangea partiu-se em dois grande blocos que, os estudiosos denominaram de: LAURÁSIA, que englobava o que hoje seria a América do Norte, a Europa e a Ásia; e GONDWANA, que englobava o que hoje seria a América do Sul, a Antártica, a Austrália e a Índia.

Pois nossa história se passou nessa época. Porém, o continente que nossos estudiosos denominam de Laurásia era chamado de BRANWEN e, não era muito conhecido. Por outro lado, o continente que nossos estudiosos chamam de Gondwana era conhecido por GWENDOLEN. Foi nele que os fatos aqui narrados se sucederam. Por isso, para não causar confusão, passaremos a utilizar a nomenclatura conhecida na época.

Entre os continentes, Gwendolen e Branwen, ficava o Mar das Fúrias que, como sugere o nome, estava sempre sendo fustigado por grandes tormentas. Para aumentar ainda mais o perigo da navegação nesse mar, existiam, em vários locais, grandes sorvedouros capazes de engolirem um navio em segundos. À oeste de Branwen, via-se o Oceano Tenebroso, totalmente

desconhecido e, à leste de Gwendolen, o Oceano Azul, o mais calmo de todos. Existiam ainda várias ilhas espalhadas pelos oceanos; algumas muito antigas, outras muito novas e, outras ainda em formação.

No Continente Gwendolen existiam sete reinos. O maior e mais importante deles era o Reino de Angharad, governado pelo Rei Brennus e pela Rainha Aeronwen. O reino mais próximo à Angharad era o Reino de Bergliot, governado pelo Rei Gwrtheyrn e a Rainha Rozenn. Os outros cinco reinos, menos importantes para o desenrolar de nossa história, serão citados no decorrer da narrativa.

Quanto à língua falada na época, é claro que nos vários reinos falavam-se várias línguas e dialetos, porém existia uma língua clássica, chamada Língua Comum, que é a raiz de todas as línguas existentes hoje e, que todos conheciam. Os povos mágicos e as outras criaturas falantes tinham a sua própria língua, porém conheciam também a Língua Comum. Desse modo, as pessoas podiam comunicar-se onde quer que fossem em Gwendolen.

No que se refere à religião, todos os povos, quer fossem homens ou povos mágicos, acreditavam num Deus único, criador do universo;chamavam-no de Pai, pois seu verdadeiro nome não podia ser pronunciado. Prestavam homenagem também às diversas manifestações da natureza.

A vida, no mundo daquela época, era muito perigosa pois, existiam monstros de muitas espécies, tanto na terra quanto na água. Os seres que aqui viviam tinham de estar em constante vigilância e, de preferência, unidos para poderem se proteger. Nessa época coexistiam harmonicamente: humanos, elfos, fadas, gnomos, centauros, faunos, anões, ciclopes e muitos outros seres. Por outro lado, existiam os opositores como: os ferozes orgulls, goblins, duendes, trolls, bruxas, lobisomens, sátiros, gigantes e outros mais; além, é claro, de alguns humanos que se sentiam mais à vontade na companhia dessas personagens.

As viagens eram sempre uma aventura muito perigosa, mesmo quando todos os reinos estavam em paz. Ninguém viajava sozinho, todos procuravam andar

em grupos pois nunca sabiam onde poderiam deparar-se com o perigo.

Viagens pelo mar também eram um risco porque, além das tempestades terríveis, como as encontradas no Mar das Fúrias e citadas anteriormente, os navegantes poderiam ser atacados por monstros marinhos horripilantes. Poderiam, também, ser encantados pelas sereias, ou ainda, carregados por ventos ou correntes marítimas desconhecidas para alguma ilha sinistra de onde não poderiam escapar e, onde passariam por situações que eu prefiro não descrever aqui, em respeito à fragilidade das pessoas mais sensíveis.

Foi nessa época e nesse cenário que a nossa história se desenrolou. Nossas personagens principais viviam no reino de Bergliot ou em suas proximidades e, no início desta narrativa, já havia muitos anos que todos os reinos viviam em paz.

Deste modo, se consegui despertar sua curiosidade em conhecer os eventos desta história, procure uma posição mais confortável no sofá e

penetre comigo no coração humano, ao encontro do que ele sabe fazer melhor: sonhar e destruir.

PARTE I

Capítulo 1
Agrona e família

Para surpresa de Agrona, o dia amanheceu ensolarado e com um céu azul brilhante. Olhando pela janela de seu quarto, ela encheu os pulmões de ar, e feliz, terminou sua toalete, seguindo para a cozinha para preparar seu desjejum.

Depois de uma semana vivendo dentro de um *fog* exasperante, era maravilhoso ver um dia de verão, tão claro. Resolveu então que não iria preocupar-se com a arrumação da casa e sairia para trabalhar ao ar livre.

Rapidamente, terminou seu desjejum e colocou as vasilhas dentro da cuba que seu pai tinha construído, cuja água corrente era trazida por bambu, perpetuamente fluindo. Correndo para o quarto de costuras, apanhou a capa que havia terminado de tecer

no dia anterior. Colocou-a, juntamente com os apetrechos de bordar, dentro de uma cesta, pegou uma grande manta que estava dobrada sobre uma cadeira e, olhando em volta, verificou se não faltava mais nada. Voltou à cozinha, apanhou duas maçãs para comer mais tarde, uma garrafa com hidromel e saiu de casa, cantarolando.

Agrona vivia sozinha, em uma pequena casa de troncos situada em um planalto próximo à cidade de Bergliot, capital do reino do mesmo nome e que era governado pelo Rei Gwrtheyrn e a rainha Rozenn. O casal real possuía dois filhos — o mais velho, Angus, com 22 anos e o mais novo, Aston, com 17 anos.

A cidade de Bergliot situava-se à beira-mar, possuía o formato arredondado e era dividida em duas partes: a periferia, onde vivia a plebe que cuidava das lavouras, criação de animais, enfim, dos serviços braçais. A outra parte era conhecida como a Cidadela, onde vivia a nobreza, separada da plebe por um forte muro. As casas da cidadela circundavam uma pequena colina onde ficava o castelo, protegendo-o. Atrás da cidade, existia um campo florido, que chegava até ao

sopé do Monte Bergljot que subia em suave declive. No alto desse monte é que estava o planalto onde Agrona vivia — um lugar paradisíaco.

O lado direito do planalto era formado por um precipício, um paredão rochoso, que descia reto até ao mar lá embaixo. A casa de Agrona fora plantada ao lado desse precipício, sendo que as janelas de seu quarto se abriam direto para o mar. A frente da casa estava voltada para a descida do monte, em direção à cidade e, aos fundos, bem perto da casa, ficava a Floresta Ingeborg, onde viviam os Elfos da Neblina.

Os pais de Agrona tinham morrido de febre três anos antes deixando-a sozinha no mundo, com apenas doze anos de idade. Mesmo assim, ela optara por continuar morando isolada das pessoas da cidade. Seu pai havia sido um belo homem, grandalhão, muito louro e extremamente gentil, chamado Dwyn. Ele fora um marceneiro de renome no Reino de Bergliot, pois os móveis que fabricava eram dignos de reis. O homem tinha sido um gênio em seu ofício.

A mãe de Agrona, Iseult, pertencia à raça dos elfos. Portanto, Agrona herdou de seus pais uma beleza

exótica e o talento para fazer, com perfeição, tudo em que punha as mãos. Aprendeu com sua mãe a arte de tecer e bordar, e seus trabalhos tinham um quê de magia que encantava, sendo, por isso, muito requisitados pelas damas e cavalheiros da corte. No momento, estava trabalhando em uma capa encomendada por Lady Eluned, esposa do campeão do rei, o cavaleiro Brynmor.

Agrona caminhou até um velho carvalho que ficava próximo à casa. Sentada sob sua copa, ela podia ver o mar, a floresta e o declive que dava para a cidade. O carvalho fora plantado ao lado de um pequeno lago de água cristalina. Aquele era seu lugar preferido para apreciar a natureza, e ela sabia que o velho carvalho também apreciava sua companhia.

Agrona estendeu a manta sobre a grama, espalhou sobre ela os apetrechos para seu trabalho, colocou a garrafa de hidromel dentro da água do lago para mantê-la fresca e sentou-se. Ficou durante algum tempo, olhando a beleza da vista e depois, apanhando a capa, começou a bordar.

Enquanto bordava, com um bela voz, cantava uma antiga canção que aprendera com sua mãe e pensava em sua vida. Por causa de sua ascendência, Agrona vivia isolada no mundo. Nunca vira um elfo sequer, pois essa raça a desprezava por ser mestiça e por nunca terem aceitado o fato de sua mãe ter renunciado à imortalidade para casar-se com um mortal. Eles evitavam-na e ela respeitava o desejo deles. Quanto à raça de seu pai preferia manter distância, pois sua extrema beleza já causara muitos problemas na cidade, por causa do entusiasmo dos homens e dos ciúmes das mulheres.

Deste modo, Agrona havia escolhido uma vida simples, em contato com a natureza, sozinha na casa que fora de seus pais. Ia à cidade o mínimo possível, apenas para fazer compras, quando necessário, e entregar ou pegar encomendas de seu trabalho. De qualquer maneira, vivia bastante feliz com sua escolha de vida. Apesar de saber que outras mulheres com sua idade já estavam casadas, a jovem já tinha rejeitado várias propostas de casamento pois, sentia que sua hora ainda não havia chegado. Desejava algo mais da

vida; não sabia ainda definir o quê, porém tinha certeza de que saberia o que seria, quando o momento chegasse.

Imersa em seus pensamentos, Agrona trabalhou a manhã inteira. Quando se sentiu cansada e com fome e resolveu parar um pouco, o sol já passara da metade do céu.

Agrona levantou-se, esticou os músculos e caminhou um pouco, apreciando o sol e a beleza à sua volta. Depois, voltou para perto do carvalho, pegou uma maçã e deu uma grande dentada. Enquanto mastigava, retirou a garrafa de hidromel de dentro d'água, destampou-a e bebeu um bom gole. Tampando-a novamente, abaixou-se para coloca-la de volta na água. Então parou, porque lhe pareceu ter ouvido um choro de criança. Olhou em volta, mas não viu nada. Pensando que tinha sido sua imaginação, colocou a garrafa na água e recomeçou a caminhar, vagarosamente, enquanto terminava de comer a maçã. Andando em direção à floresta, ouviu novamente o choro; desta vez não teve dúvidas. O som vinha da floresta.

Decidida, caminhou na direção do choro percebendo que se tornava mais forte à medida que penetrava na floresta. Pôs-se a correr em direção ao som, até que viu um buraco no chão: uma armadilha que, algum maldito caçador havia feito. O choro vinha do buraco. Agrona aproximou-se e olhou lá para dentro. Era um buraco fundo e, deitado lá embaixo, havia garotinho elfo parecendo ferido. Agrona deitou-se na beirada do buraco e perguntou:

"Oi, meu filho. Você está machucado?"

Vendo que o menino ficou assustado, acrescentou:

"Pssiu! Não fique assustado. Eu não vou machuca-lo. Pssiu! Calma."

Mas, a criança estava apavorada, parecendo não entender o que ela falava. Então Agrona começou falar bem devagar, tentando lembrar-se da língua de sua mãe, que ela não usava há muito tempo. Procurou colocar na voz um tom bem reconfortante e, aos poucos, a criança foi se aquietando. Quando viu que ele estava mais calmo, ela perguntou:

"Você está machucado? Pode se mexer?"

"Minha perna..." — respondeu a criança, com voz fraca.

"Espere um pouco," — disse Agrona. — "Vou arranjar uma maneira de tirar você daí."

A moça procurou na mata, até achar uma espécie de cipó. Voltando para onde a criança estava, amarrou uma das pontas em uma árvore, jogou a outra dentro do buraco e, descendo por ele, conseguiu chegar até ao menino. Sua primeira providência foi verificar o quanto ele estava machucado, constatando que ele tinha quebrado uma perna. Ela então disse para o garoto:

"Eu vou amarrar este cipó em sua cintura e depois vou puxá-lo até fora do buraco. Sua perna vai doer, mas você tem de aguentar. Acha que consegue?"

O menino acenou que sim. Agrona amarrou o cipó na cintura dele, depois escalou o buraco de volta. Quando chegou lá em cima, começou a puxar o garoto devagar e com dificuldade, até o topo.

Agrona procurou alguma coisa para imobilizar a perna do garoto, fazendo em seguida, uma tala rústica. Levou então o garotinho no colo até ao carvalho

deitando-o na manta. Depois, pegou a garrafa de hidromel e foi-lhe dando aos poucos. Em seguida, deu a outra maçã para ele, que começou a comer com sofreguidão. Enquanto ele comia, rapidamente juntou suas coisas dentro da cesta. Pegou novamente o menino no colo, e levou-o para sua casa. Lá chegando, deitou-o em sua cama, dizendo:

"Fique quietinho que eu vou buscar um remédio para fazer sua perna parar de doer."

Agrona foi para a cozinha procurar em meio às suas ervas, uma que fizesse o garoto dormir. Ela sabia que seria preciso encanar sua perna e não queria fazer isto com ele acordado.

Voltando para o quarto, deu o remédio para ele beber. Em poucos minutos, a criança tinha caído em um sono profundo. Agrona pode então encanar a perna dele sem nenhum sofrimento, enfaixando-a em seguida, muito bem. Terminado o trabalho parou, olhando o garoto adormecido, pensando:

"E agora? Tenho de encontrar a família dele."

Olhou-o atentamente. Ele tinha cabelos compridos muito lisos e de um amarelo quase branco e

brilhante. Seus olhos eram amendoados e, ela tinha reparado antes, de um azul celeste tão claro que, dava a impressão de que ele fosse cego. Tinha o rosto fino e as orelhas pontiagudas.

Agrona olhou-se num espelho que estava na parede, comparando sua imagem com a do menino. Ela era uma jovem de quinze anos, muito alta e esguia. Seu rosto também era fino, seus olhos tinham o mesmo formato e cor dos do menino e, também, suas orelhas eram pontiagudas como as dele. Ela se parecia muito com sua mãe, pois herdara as características da raça élfica, com exceção dos cabelos. Estes ela herdara do pai. Eram dourados, cheios, encaracolados e rebeldes. Ela era uma moça de uma beleza estonteante.

Agrona pensou mais um pouco e, então, se decidiu:

"Eu dei uma dose bem forte de remédio e ele vai dormir até à noite. Vou ver se consigo encontrar sua família. De qualquer maneira, eu volto antes dele acordar."

A moça saiu de casa decidida e, mais uma vez, entrou na floresta. Iria, pela primeira vez em sua vida, procurar o povo de sua mãe.

No meio da floresta, ela parou para se orientar. Procurou lembrar-se das instruções, dadas por sua mãe, da direção da cidade dos Elfos. Na ocasião, sua mãe havia dito que, era bom que ela soubesse como chegar até eles, caso algum dia precisasse, porém, ela nunca usara essas orientações, nem por curiosidade. Era orgulhosa e, se eles não queriam saber dela, não seria ela quem iria procura-los.

No entanto, a situação agora era outra, e ela precisava lembrar-se do caminho; mas ela sabia que uma estrada de elfos não aparecia para quem eles não queriam.

Voltou a caminhar. Caminhou muito tempo sem encontrar nada, nem ninguém. Como estava ficando tarde e ela estava preocupada com o menino, resolveu voltar. Porém, lembrando-se que os elfos podiam comunicar-se com as plantas, andou até um alto carvalho e, parando sob sua copa, fez um carinho em seu tronco e disse:

"Velho carvalho, por gentileza, avise aos elfos que, na minha casa, encontra-se uma criança da raça deles que está ferida. Eu cuidei dela da melhor maneira que pude, porém eu sei que os meus cuidados podem não ser suficientes para um elfo. O menino precisa de ajuda."

Dizendo isto, ela afastou-se e, enquanto caminhava de volta para casa, ouviu um farfalhar de folhas. Voltou-se para olhar e viu folhas se desprendendo do carvalho e indo ao encontro de outro cujas folhas se desprendiam e voavam em direção a um terceiro, assim por diante. Era o seu recado que estava sendo passado para diante.

Chegando em casa, Agrona foi preparar um caldo de legumes que sua mãe havia lhe ensinado. Era uma receita que toda mulher elfo sabia preparar, pois era muito usada para fazê-los recobrar as forças quando necessário.

Quando o caldo ficou pronto, ela foi ao quarto para ver como estava o menino. Assim que entrou, ele acordou assustado. Agrona sentou-se ao seu lado, dizendo:

"Calma, calma. Está tudo bem. Eu já cuidei de sua perna e mandei um recado para sua gente. Você ainda está sentido dor?"

O garoto sacudiu a cabeça, negando.

Está com fome? Eu preparei um caldo para você."

O garoto, sempre olhando-a sério, acenou afirmativamente a cabeça.

Agrona riu, dizendo:

"Você não é muito de falar."

O menino deu um pequeno sorriso, acenando novamente com a cabeça.

"Muito bem, então," — disse ela. — "Vamos lá, tomar essa sopa."

Pegou o garoto no colo, levando-o para a cozinha. Colocou-o em uma cadeira e, puxando outra para mais perto, colocou sobre ela uma almofada. Em seguida, apoiou a perna dele em cima. Cobriu-o com uma manta, colocou o caldo em uma tigela e o garoto começou a toma-lo.

Agrona sentou-se em frente a ele, perguntando:

"Como é o seu nome?"

Antes que o menino pudesse responder, escutaram uma batida na porta.

Agrona levantou-se, foi até a porta abrindo-a. Do lado de fora, encontrava-se um grupo de cinco elfos: três homens e duas mulheres.

Por um instante, Agrona parou, aturdida pela beleza e o porte régio do grupo. Porém, recuperou-se rapidamente, dizendo:

"Vejo que receberam meu recado. Por favor, queiram entrar."

O grupo hesitou, por um momento. Porém, uma das mulheres entrou e, ao ver a criança, correu em sua direção, abraçando-a. O menino exclamou:

"Mamãe!"

Os outros, ainda hesitantes, entraram na casa de Agrona.

A mulher examinou o filho até certificar-se de que ele estava bem. Depois, levantou-se devagar e, dirigindo-se à Agrona, disse:

"Muito obrigada, Agrona, por ter cuidado de meu filho."

Agrona olhou-a, espantada, dizendo:

"Como você sabe meu nome?"

Os cinco elfos olharam uns para os outros. A mulher respondeu:

"Meu nome é Blodeuwedd. Eu sou a irmã mais nova de sua mãe. Sou sua tia." — E, indicando seu filho, disse: — "Este é seu primo, Ælfwine."

Agrona ficou sem fala olhando para a mulher, completamente aturdida. Em seguida, olhou para os outros. A segunda mulher, deu um curto sorriso, dizendo:

"Eu sou Andraste. Sua avó."

Agrona arregalou os olhos, pois a mulher não parecia mais velha do que a outra. As duas pareciam não ter idade. Dois dos homens se aproximaram, apresentando-se como Leofric, irmão de sua mãe, e Ceridwen, pai do menino elfo.

O último homem, possuidor do porte mais régio de todos, continuava em silêncio, olhando fixamente para Agrona. O silêncio tornou-se pesado até que o garotinho pigarreou, despertando a atenção do elfo que olhou para ele e sorriu. Em seguida, voltou—se